

# Brasileiro como poucos

Autor: Renato Carvalheira do Nascimento\*

Pouca gente sabe que o maior número de mortos na 2ª Guerra Mundial foi causado pela fome e que, apesar de milhões de pessoas morrerem de fome na Índia, o país exportava alimentos para a Europa. Pouca gente sabe também que um dos primeiros humanistas a tocar nessa ferida foi o pernambucano Josué Apolônio de Castro, que completaria 100 anos no dia 5 de setembro deste ano. Com estudos sobre as condições de vida tanto dos homens-caranguejo no Recife como dos retirantes esqueléticos do sertão, Josué estudou profundamente o drama e o flagelo da fome - "uma calamidade que nenhuma outra era capaz de desagregar tão profundamente e num sentido tão nocivo a personalidade humana". Josué analisou hábitos alimentares de grupos que habitavam determinadas áreas geográficas, procurando descobrir as causas naturais, sociais, culturais e econômicas que condicionavam a alimentação local.

Não por acaso, o Conselho Nacional de SEGURANÇA ALIMENTAR e Nutricional (CONSEA) realiza no dia de seu nascimento, em Recife, cidade em que nasceu, a 7ª Reunião Plenária e um evento que celebra o centenário desse que é seu patrono - em solenidade que contará com a presença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Sua obra também era política, questionava o fato de milhões passarem fome em um planeta com a capacidade de produzir alimentos para todos e ainda sobrar. Dedicou energia e talento para trabalhar em âmbito internacional, particularmente na Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), entre 1952 e 1956.

O fenômeno da fome não tem mudado muito. Tal como na época do doutor Josué de Castro, a falta de recursos para a luta do flagelo da fome contrasta com os grandes custos das guerras e outros gastos supérfluos. A fome e a guerra, como dizia, são frutos não do acaso e da natureza, mas do próprio homem.

\*Bacharel em Sociologia e Relações Internacionais, Mestre em Sociologia (UnB)